

O PROGRAMA EM AÇÃO

Ilhetrados nas mãos de um Deus sábio (Atos 3:1-26; 4:1-31)

Deus usou todo tipo de pessoas ao longo da História. Houve entre os grandes homens de Deus que escreveram a Bíblia pessoas formadas e cultas, como Moisés, Salomão, Daniel, Lucas e Paulo. Mas houve também pessoas muito simples, quase analfabetos, como Pedro e João. Em todos os casos, Deus manifestou seu poder. Deus usou a cultura e o conhecimento intelectual daqueles que os possuíam, mas eles não foram brilhantes por este motivo. Da mesma forma, Deus usou a simplicidade daqueles que não possuíam tais requisitos. Em ambos os casos, a excelência sempre foi do poder de Deus, não da capacidade humana (II Co 4:7).

As autoridades judaicas teriam rejeitado a mensagem cristã, se pudessem, porque a formação acadêmica e a educação formal não era uma marca dos primeiros onze apóstolos. Se dependesse disso, os opositores teriam se contentado simplesmente em tentar ridicularizar a simplicidade quase ingênua daqueles pescadores transformados em pregadores. Mas não puderam, porque Deus estava com eles, manifestando seu poder e corroborando sua mensagem irrefutável.

Mais detalhes sobre o ministério apostólico

Textos como estes são excelentes fontes de informação sobre o estilo de vida e de ministério dos apóstolos. Todos eles eram judeus e, portanto, não é de se admirar que continuassem por algum tempo observando alguns costumes judaicos. Esta oração das três horas da tarde não era uma reunião da igreja, mas um tempo de oração que estava associado ao sacrifício do templo judeu. Este detalhe mostra o quão difícil seria para os discípulos se desligarem das tradições judaicas para aceitar o vinho novo do Cristianismo. Mostra também que eles eram pessoas piedosas, diferentemente da maior parte dos judeus de sua época.

Outro interessante e significativo detalhe revelado no texto é que Pedro e João não tinham dinheiro nem para uma esmola. Eram pessoas simples, que nunca ficaram ricos nem construíram impérios particulares. Mas tinham um poder que valia todo o dinheiro do mundo e que, em mãos inescrupulosas fariam a fortuna de muita gente. Eles curaram o homem e não pediram um centavo por isso! Toda a glória e crédito daquela cura foram para Jeová Rafá. Pedro usa o momento apenas como uma oportunidade de testemunhar do poder do Senhor.

Aproveitando a aglomeração que se formou em volta daquele que antes era coxo, mas que agora saltava e louvava a Deus nas dependências do templo, eles não perderam tempo. Improvisaram uma conferência evangelística. A ênfase não foi colocada sobre a cura nem mesmo sobre o poder de Deus manifesto naquele milagre. Não houve entrevista do homem curado. Nada de sensacionalismo. Nenhuma propaganda sobre o que eles eram capazes de fazer. O interesse deles estava centrado na apresentação do Evangelho àquelas pessoas.

A espinha dorsal da mensagem de Pedro continuava a mesma. Arrependimento. Fé. Ressurreição. Jesus como o centro de tudo. O Senhor é apresentado novamente e de maneira irrefutável como o Messias rejeitado pelos judeus. Sua morte e ressurreição continuavam sendo a marca registrada da mensagem apostólica. Convém comparar o teor desta mensagem com o dos atuais “apóstolos” que estão no rádio, na TV e nos pomposos auditórios apinhados de gente. Se a mensagem não for a mesma dos apóstolos em Atos, por mais sinais e curas que se façam, os atuais são falsos e devem ser colocados em xeque.

“Sereis minhas testemunhas”

Começa a se cumprir o que Jesus havia alertado: seriam levados às autoridades, questionados, perseguidos e ameaçados (João 15:18-16:6). Não era surpresa. Eles estavam preparados para isso. A reação de Pedro e João é simplesmente a reafirmação de “serem testemunhas”. Eles não estavam falando de alguma coisa que simplesmente ouviram dizer. Eles tinham visto. Estiveram presentes com o Senhor o tempo todo.

Uma testemunha apenas fala o que viu. Se for uma testemunha fiel, não vai aumentar nem diminuir os fatos. Vai apenas relatá-los. De fato, toda aquela geração em Jerusalém sabia muito bem o que eles tinham feito a respeito de Jesus. O fato da Ressurreição não era um mistério oculto, mas tinha chegado ao conhecimento de todos.

A reação das autoridades, o austero Sinédrio³ judaico é quase cômica. Eles ficam desesperados, porque diante da inegável cura do paraplégico em nome de Jesus não havia como fazer com que o povo descesse mais. Eles apelam para a proibição. Achem que conseguiriam calar os apóstolos através da intimidação física ou judicial. Já tinham votado pela crucificação de Jesus, contando que em alguns dias sua memória seria totalmente apagada. Agora, acham que se os seus discípulos fossem proibidos de mencionar Seu nome, logo essa “onda de fanatismo” seria abandonada. Era um erro crasso, que já foi logo demonstrado pela imediata reação de Pedro e João: *“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus”*.

A reação da igreja

Pela primeira vez, a igreja de Cristo sofria um revés sério. Até ali, tudo tinha sido bênção, crescimento, comunhão e alegria. Agora o quadro muda de figura e o céu se torna sombrio. Diante disso, eles resolvem orar. Não podiam ter feito melhor opção. Ainda mais que a oração da igreja não foi egoísta. Eles não pediram paz e sossego para que a igreja avançasse mais facilmente. Seu pedido foi por intrepidez e liberdade para a Palavra. Eles estavam dispostos a enfrentar a oposição, mas sentiram a necessidade de que Deus lhes revestisse de poder e autoridade e a obra pudesse prosseguir.

A resposta de Deus foi imediata e até física. O lugar tremeu e eles foram cheios do Espírito Santo. Pedidos que se ajustam plenamente à vontade de Deus sempre são respondidos com poder, porque tem em Cristo o “sim” e o “amém”. E a reação da igreja também foi imediata. Tendo colocado suas vidas nas mãos de Deus e recebido o que pediram a Deus, poder e ousadia, eles saíram para anunciar intrepidamente a Sua palavra.

A postura da igreja contemporânea

Entre grupos pentecostais, neo-pentecostais e os chamados históricos ou tradicionais, há uma interminável discussão sobre o fato de Deus curar ou não curar e sobre qual é o espaço e o papel que os milagres e sinais devem ocupar no contexto da Igreja.

Mais uma vez, extremos e radicalismos devem ser sempre evitados. Um equilíbrio é sempre mais saudável e promove mais edificação. É evidente que Deus não perdeu seu poder de curar e efetuar maravilhas. As épocas não alteram a capacidade de Deus agir. Portanto, aqueles grupos de cristãos que afirmam ou sugerem que “Deus não cura mais”, estão achando que podem limitar a ação de

3 O Sinédrio era uma casa de leis, uma espécie de Tribunal Judiciário, que permitia aos judeus julgar seu povo de acordo com a Lei de Moisés, apesar de estar sujeito à sanção do governo romano

Deus por causa da sua maneira particular de entender a questão. Deus não está preso a nenhuma de nossas convenções, sejam elas sociais, culturais ou mesmo teológicas. Poderíamos ver com muito mais frequência as maravilhas de Deus em nossos dias, através de operações de milagres e sinais, se tivéssemos mais fé no seu poder. Mateus 13:58 registra que Jesus não fez sinais em Nazaré por causa de sua incredulidade. Tempos depois, ele diria a Marta antes de ressuscitar a Lázaro: “se creres verás a glória de Deus” (João 11:40).

De outro lado, está o exagero místico da fé na fé, da cura pela cura, da utilização do poder de Deus como espetáculo para atrair pessoas e mostrar o poder de um “homem de Deus”. Esta atitude nunca esteve presente na igreja de Atos. Na verdade, ela só apareceu na vida de um falso crente, o mágico Simão. Nenhum dos apóstolos jamais aceitou receber qualquer benefício pessoal nem mesmo baseou seu ministério em curas e sinais. Conforme Jesus lhes disse, os sinais **se seguiriam** aos crentes, não o contrário (Marcos 16:17). Quem fica todo o tempo atrás de sinais, ainda não creu e não entendeu o Evangelho.

Não há como deixar de mencionar, também, o fato de que Atos está registrando um momento histórico em que a autenticação da mensagem através dos sinais e maravilhas era absolutamente necessária. Após tantos séculos de mensagem evangélica e a conversão de tantos milhares de pessoas, será mesmo ainda necessário que o Evangelho seja autenticado por sinais?

Sendo a resposta a esta indagação sim ou não, o ponto convergente é que a Igreja hoje deve se dispor a buscar mais a Deus pela fé, restaurando a vida de oração comunitária que faz diferença, revendo a mensagem que prega, dispondo-se a viver pelo Evangelho e a ver Cristo glorificado na salvação do maior número possível em nossa geração.

Não brinque com fogo! (Atos 4:36-34; 5:1-11)

Tudo estava indo bem. A igreja crescia, sinais e curas eram realizados, havia um espírito de comunidade sincero e generoso. Era um pedaço do céu na terra. Nem nos melhores sonhos os discípulos poderiam ter-se visto num estado daqueles. É bem possível que eles estivessem achando que ainda naquela geração Jesus voltaria e implantaria seu Reino eterno entre eles.

Primeiro, veio um problema externo. A perseguição aos apóstolos foi vencida pelo poder da oração e pela ousadia das testemunhas. Eles não se intimidaram, ao contrário, a narrativa mostra que o testemunho da igreja ganhou ainda mais força e mais pessoas se entregaram à Cristo e foram agregadas à Igreja. Então, a tática do inimigo se altera perigosamente. Surge o primeiro problema interno. Não demorou muito para eles perceberem que, a despeito de toda a grandeza da ação gloriosa do poder de Deus entre eles, eles ainda permaneciam limitados e em oposição à carne, ao pecado e ao diabo. Nem mesmo no meio de uma comunidade tão sadia, cheia do Espírito Santo e manifesta da virtude de Deus a igreja estaria isenta de motivações baixas e atitudes mesquinhas. A igreja precisa enfrentar o problema da disciplina de alguns de seus membros.

Motivações fazem toda a diferença

A história toda começa com a decisão de Barnabé em vender uma propriedade e doar o valor para ajudar no suprimento dos necessitados da comunidade. Sua atitude tinha a motivação certa. Ele era o “filho da exortação”, tinha o coração no lugar certo. Não precisou de ninguém para chantageá-lo ou fazer qualquer tipo de pressão emocional para levá-lo a fazer o que fez: simplesmente ele entendia ser o mais correto naquele momento. Seu objetivo era ajudar, não aparecer.

Ocorre que bons exemplos geram sempre os ciúmes entre os menos preparados. Ananias e

Safira queriam o status de consoladores, mas não tinham o coração disposto para isto. Então, eles optam por tentar construir uma imagem de generosos, enquanto eram essencialmente egoístas.

O argumento de Pedro é muito simples e objetivo: na igreja primitiva nada se exigia que não fosse de coração. Ninguém era obrigado a dar ou fazer o que não queria. Até hoje este princípio é válido. Mesmo quando se faz o certo com a motivação errada, é errado. Isto sempre vai gerar problemas e deve ser ensinado com clareza a todos os membros de uma igreja que doações com este pano de fundo não tem qualquer valor diante de Deus.

O erro deste casal não era o fato de contribuir apenas com parte do valor da terra vendida. Se eles tivessem vendido o campo com a intenção de dar menos, não era pecado algum. Mas dizer que estavam dando tudo enquanto davam uma parte era mentira. Cuidado quando nos preocupamos mais com o “marketing pessoal” do que com o efetivo serviço que deve ser prestado para honrar o Senhor e não a nós mesmos. Tal atitude é uma forma de mentir a Deus e aos homens. É no mínimo uma tremenda ingenuidade achar que o Senhor pode aprovar ou tem qualquer prazer em uma postura dessa natureza.

O juízo na casa de Deus

Tendo sido este o primeiro problema interno que a igreja enfrentou, acabou se tornando a oportunidade para mostrar como as coisas deveriam funcionar dentro da nova comunidade que surgia. A grande lição para nós é que sempre haverá problemas, mesmo entre os cristãos. O que importa é como eles são tratados, quanto tempo demoramos para resolvê-los e quais as atitudes que a liderança toma. Uma igreja que se torna refém dos problemas está fadada à desgraça. Muito tempo, energia e recursos são gastos quando se permite que problemas tomem proporções indevidas. Apagar incêndio não pode ser a principal tarefa de um líder em qualquer organização. Muito menos ainda pode ser a principal ocupação de um pastor ou líder ministerial no contexto de uma igreja local.

A ação de Pedro foi firme e, numa análise superficial, parece ter sido até desproporcional ao ocorrido. Vale lembrar, no entanto, que no começo de uma nova etapa do relacionamento de Deus com o homem, o juízo é sempre mais rigoroso. É como se houvesse a intenção de estabelecer um padrão elevado de qualidade, que servirá como parâmetro para os casos subsequentes. Também serve como sinal para os demais membros, a fim de que não tenham dúvidas sobre o fato de que a mão de Deus em juízo é “horrível coisa” (Hb 10:31; 12:28-29). A propósito, este é o verdadeiro fogo de Atos e em toda a Bíblia. O fogo nas Escrituras sempre aparece em conexão com o juízo de Deus, não com poder.

A ocorrência de um incidente como este demonstra que crentes-problema não são exclusividade de igrejas com liderança fraca ou ensino inconsistente. O desenvolvimento da maturidade não é apenas responsabilidade da igreja, como também de cada cristão, individualmente. Já dissemos que dificilmente alguma igreja nos nossos dias seria de melhor qualidade do que a igreja primitiva. Mesmo assim, havia pessoas como Ananias e Safira como membros, batizados pelos apóstolos e recebidos à comunhão da igreja. A diferença é o que foi analisado no primeiro parágrafo deste ponto: quando foram manifestos, os dois foram devidamente tratados e disciplinados em nome do bem comum do Corpo.

A igreja encheu-se de temor, não de Pedro ou dos apóstolos, mas do Senhor. Este é o resultado que se espera quando fazemos de um problema uma oportunidade de melhoria. Por esta razão, não se deve procrastinar nem fugir dos problemas. Quando fazemos isso, eles ficarão cada vez maiores.

Não há situação, por mais intrincada que seja, que não deva ser enfrentada. Se faltar sabedoria, podemos pedir a Deus (Tg 1:5). Mas não pode faltar a disposição e a coragem de tratar o pecado como pecado, sem minimizar os seus terríveis efeitos.

Um estilo de liderança

Em qualquer área da atividade humana, discute-se o peso dos estilos de liderança. Muitos estudos têm sido feitos para se identificar qual deles é o melhor e qual tende a produzir melhores resultados. Seria o *democrático*, aquele que escuta a todos e pede opinião antes de tomar decisões? Ou será o *conselheiro*, aquele que incentiva o crescimento e o desenvolvimento dos seus liderados? Ainda existe o *agregador*, que tenta ver o lado de todo mundo. Até mesmos os *ditadores* e *agressivos* tem feito algum sucesso. Qual será o melhor? Cada vez mais se percebe que não há um estilo único que seja possível utilizar com sucesso em todo tempo. Pessoas são diferentes e reagem de maneiras diferentes aos estímulos que recebem. O ideal, então, é que o líder desenvolva a habilidade de atuar conforme cada situação exija.

Esta constatação que os gurus corporativos estão fazendo já estava expressa no estilo de liderança de Pedro. O anteriormente impulsivo e intempestivo discípulo ainda mantinha traços de sua personalidade, mas agora ele não agia mais guiado por ela. Ele não está tomando uma decisão guiado por suas emoções. Embora aquele tipo de problema nunca tinha acontecido antes, conforme o momento se apresentou, o apóstolo percebeu que era hora de tomar controle da situação. O momento exigia uma solução drástica. Não era possível deixar aquele padrão de comportamento ser estabelecido na igreja sem que uma atitude firme fosse tomada. É muito provável que Pedro tenha recebido uma palavra de conhecimento, isto é, Deus lhe revelou o que estava acontecendo. Ninguém contou a Pedro sobre o valor do campo. Foi uma revelação de Deus. Se foi esse o caso, sua decisão se caracteriza ainda mais pela direção de Deus no desfecho do caso e confirma o acerto da atitude tomada.

É verdade que Pedro nem sempre acertou. Houve um momento em que, para usar as palavras de Paulo, ele “tornou-se repreensível” (Gl 2:11). A sua liderança no caso da escolha de Matias pode ser bem questionada. Embora um apóstolo, ele estava sujeito a falhas. Neste caso, parece claro que ele fez o que deveria fazer. Os resultados e o desenrolar da história apontam na direção desta conclusão.

Lições destacadas

Este episódio, que encheu de temor não apenas a igreja, mas a todos os que souberam do caso, é uma alerta muito severo em dias que são caracterizados por uma exagerada malevolência à santidade e à justiça de Deus. As pessoas, mesmo dentro da igreja, perderam a noção de quem Deus é e de como ele encara o pecado, a mentira, a falsidade e o acobertamento do pecado.

Deus continua pensando a mesma coisa em relação a tudo isso. É verdade que ele não tem agido no presente tempo com o mesmo rigor usado para com o casal de Atos 5, mas seu padrão de santidade não é diferente hoje do que era naqueles dias. A igreja não deve se contentar com menos do que a busca integral pela santidade, transparência, sinceridade, ética e honestidade, em todas as áreas da vida e do ministério.

Brincar com a santidade de Deus é brincar com fogo. E como ensinam o bom senso e a prudência, “quem brinca com fogo acaba se queimando”. Influências humanistas na igreja tem feito com que o juízo de Deus seja ridicularizado. Seu amor e graça são supervalorizados, enquanto

sua santidade e justiça são jeitosamente esquecidos, como se uma coisa anulasse a outra. Não temos qualquer razão para concluir que Deus está menos preocupado e irado com o pecado em nossos dias do que esteve em qualquer outra época da história da humanidade.

O capítulo 5 de Atos é um marco decisivo. Diferentemente de tantos cristãos seus contemporâneos que morreram como mártires da fé, Ananias e Safira entraram para a história como os primeiros exemplos da disciplina do Senhor contra o pecado. Eles foram ceifados para preservar a santidade de Deus e o ambiente da igreja.

Estes avisos solenes continuam ecoando através dos séculos e nos atingem hoje, quando mais uma vez é preciso que líderes tenham coragem de tratar do pecado como algo grave e devastador, que não pode, em hipótese alguma, encontrar na igreja um ninho aconchegante.

Calando a sabedoria humana (Atos 5:12-42)

Passado o episódio envolvendo Ananias e Safira, a vida voltou ao normal. O crescimento foi retomado, as atividades restabelecidas, os sinais e prodígios continuaram acontecendo. É assim que acontece numa igreja sadia que resolve seus problemas de acordo com a vontade de Deus. Os problemas são devidamente endereçados e a vida segue.

Novamente se intensifica a preocupação das autoridades religiosas. A Igreja começa a incomodar. O fato de que o povo estava dando atenção ao fenômeno inegável da ação de Deus é difícil de engolir para a conservadora e insensível classe clerical judaica. A perseguição física fica restrita aos açoites nos apóstolos, mas já era notória a estratégia de ameaçar e amedrontar os discípulos. Não funcionou. Eles tinham orado pedindo ousadia e Deus havia respondido. Eles não iriam recuar.

Além das fronteiras

Correndo o risco de sermos considerados repetitivos, é impossível não observar as expressões “*crescia mais e mais a multidão de crentes*”; “*aflúia muita gente das cidades vizinhas*”. Para quê elas foram registradas, se Deus não se preocupa com números?

Por que estava havendo crescimento, se igreja que cresce demais “perde a comunhão” ou “deixa de exigir santidade”? O estudo adequado de Atos necessariamente nos fará rever os conceitos e preconceitos que temos a respeito de crescimento da igreja. Pedro tinha sido radical contra o pecado de Ananias e Safira. Não houve nada menos acolhedor do que sua postura firme e decisiva. Apesar disso, a igreja continuou a crescer.

Igualmente a leitura atenta deste livro empolgante também mostra que a influência de uma igreja poderosa vai além do número de seus membros. Ela se esparrama para além de suas fronteiras. As cidades em volta de Jerusalém começaram a ouvir das coisas que Deus estava fazendo por meio da igreja. Ninguém falava do templo ou do Sinédrio, porque estas instituições estavam engessadas há séculos e nada de novo acontecia nelas. Era o mover de Deus na igreja que fazia a diferença naquela geração.

Oposição

Um movimento genuíno de Deus chama a atenção das pessoas que por ele se sentem atraídos, mas também costuma incomodar aqueles que escolhem não se agregar ao que Ele está fazendo. Por isso, os inconformados líderes judeus, ao sentirem que estão perdendo espaço, novamente se insurgem contra os cristãos. Porém a Palavra de Deus não está restrita e o poder de Deus não encontra os limites de uma prisão. Um anjo é enviado por Deus para interferir diretamente na situação.

Observe a aparição frequente de anjos no livro de Atos. Isto mostra Deus agindo de perto, acompanhando os primeiros movimentos. Mas a ênfase nunca é nada aos anjos. Eles se revelam como “*espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que têm de herdar a salvação*” (Hb 1:14). Atualmente, alguns grupos parecem deslumbrados com os anjos, a ponto de quase repetir a heresia denunciada por Paulo em Colossenses 2:18. É certo que atuação destes seres celestiais continua a acontecer em nossos dias, mas é pouco provável que sua manifestação seja visível e certamente, mesmo que aconteça, não deve servir como atração que tome o lugar do Senhor e Sua glória na vida da Igreja.

A reação dos apóstolos, mais uma vez, é imediata e obediente. Eles não questionaram a ordem do anjo. Simplesmente levantaram-se, entraram no templo e ensinaram. A cada oportunidade, eles reafirmavam sua condição de testemunhas oculares do Senhor. E agora atestavam também o ministério do Espírito em suas próprias vidas. Até mesmo o mais novo convertido pode ser uma testemunha, que por definição, é aquele que “*não pode deixar de falar do que viu e ouviu*” (4:20). Não é preciso ser um profundo conhecedor da Bíblia para dizer aos amigos e familiares aquilo que Deus fez em nossa vida, a mudança e a diferença que ele causou. No entanto, a vivência com Cristo deve nos fazer ao longo do tempo ter mais coisas para contar do que experimentamos dele e com ele.

A atitude dos apóstolos não sugeriu rebelião contra a autoridade, mas a submissão total à vontade, soberania e propósito de Deus. Quando surge algum conflito de autoridade, a prioridade tem que ser o que Deus quer. Nestas circunstâncias, o que Deus diz vale mais para o cristão do que a determinação da autoridade humana. Em todas as outras, o crente que desobedece a qualquer nível de autoridade, comete um ato de rebeldia e vai acabar pagando por isso. O apóstolo Pedro ensinaria isso em sua carta (I Pe 4:15-16).

Ministério em tempo integral com uma mensagem integral

Aqui se define o verdadeiro ministério de tempo integral: “*todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e pregar Jesus, o Cristo*”. Isto não está restrito a pastores e missionários, mas a todo cristão. A ação da igreja quando espalhada na comunidade é diária e constante. Não eram somente os apóstolos que participavam deste ministério, mas toda a igreja, muito embora este texto refira-se especificamente aos onze.

Além disso, destaca-se novamente a essência da mensagem apostólica. Não era autoajuda, psicanálise, pensamento positivo, mas “**Jesus, o Cristo**”. A essência da mensagem apostólica sempre foi Cristo Jesus e sua obra. Nenhum ponto era mais importante, nenhum assunto mais necessário, nenhuma abordagem mais incisiva do que o fato de que Cristo tinha morrido (na verdade eles deixavam claro que ele tinha sido assassinado pelos líderes religiosos, aos quais abertamente responsabilizavam pela sua crucificação) e, principalmente, **ressuscitado** dentre os mortos. Apesar da ira que esta palavra provocava nos ouvintes, os apóstolos não estavam dispostos a negociá-la. Somente o Evangelho integral pode produzir uma conversão integral.

Nos dias do politicamente correto, temos a tendência de acomodar a palavra da cruz, que é loucura para os que se perdem (I Coríntios 1:18), a fim de nos tornarmos mais agradáveis à mente do homem pós-moderno. Nada pode ser mais desastroso do que isso. O que o ser humano precisa ouvir atualmente é o mesmo que aqueles cétricos líderes judeus precisavam.

O conselho de Gamaliel

Embora um sábio e entendido mestre da lei, Gamaliel, ao que tudo indica, nunca se uniu aos cristãos pela fé em Cristo. Ele foi o instrutor do apóstolo Paulo (Atos 22:3) e era extremamente respeitado por seus pares. Talvez por tudo isso, muitos consideram até hoje o que ele disse como um conselho sábio e digno de ser aplicado no contexto das decisões das igrejas cristãs.

O que falha nesta observação é que perceber que este homem não era um cristão e que na verdade seu conselho foi pusilânime (medroso). Esta prática de “deixar como está para ver como fica” não é um critério adequado para se tomar uma medida na esfera cristã. De fato, Gamaliel não cria em Cristo e apesar de toda a sua erudição e conhecimentos, falhou em reconhecer nele o Messias e nos apóstolos os representantes legítimos de uma geração de seguidores e portadores da mensagem transformadora do Evangelho. Portanto, quando tiver que avaliar alguma coisa, prefira outros recursos que não sejam o péssimo conselho de um homem sábio, mas sem fé naquilo que era a única opção certa.

Este capítulo da história de Atos apresenta homens simples desafiando a lógica, a sabedoria humana e o poder temporal. Pessoas que continuam demonstrando a todos que quando está fazendo a vontade de Deus, revestida pelo poder de Deus, a Igreja é simplesmente irresistível.